4.º ANO LISBOA—TERÇA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1924 N.º 1057

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

ALGUNS agentes da Policia de Segurança do Estado, depois de embarcados num rebocador, foram lançar ao Tejo, no meio da sua corrente, em frente do Arsenal de Marinha, 180 bombas de dinamite, apreendidas, na sua maior parte, quando das ultimas tentatimas revolucionarias.

Outras foram as distracções dos portugueses, quando lhes sobrava tempo para serem livres e para se estimarem como filhos do mesmo torrão.

Actualmente fabricam engenhos de morte e odeiam-se com braveza.

Raras são as semanas em que, nesta ou naquela rua, junto desta ou daquela casa, não se dá uma grande explosão.

Estalam portas, vidros e paredes, mas nem sempre ha vitimas a lamentar. Isto consola.

Os jornais narram tudo por meudos—o que permite, mesmo aos surdos, formar uma ideia dos estragos e do estrondo.

Emquanto as bombas rebentam longe, as pessoas alegres não perdem a sua alegria.

Um dia, porém, as distancias encurtam-se: sob a sua varanda, blasfema o Diabo.

—Quem são os meus inimigos? Quem deseja sepultar-me nas ruinas dum predio em que eu me encontro, sob a ameaça constante dum despejo?

Estas preguntas revelam um singular desnorteamento.

As bombas raramente significam vingança pessoal. Como as ideias gerais na epoca de Eça e Antero, elas não reconhecem individuos. São o clamor das classes em guerra umas com as outras.

Quando um sugeito que passa na rua recebe de flanco um estilhaço que o manda para o Orco ou para o hospital, ele tem obrigação de, modestamente, tirar o chapeu, se isso ainda lhe fôr possivel, e dizer:

—«A minha vida corre perigo, mas a minha inocencia não oferece sombra de duvida ao meu assassino.»

* * *

DO sr. Rogelio Marques Cardoso recebemos a seguinte carta:

«Sr. director: — Li com verdadeiro interesse a cronica financeira do jornal de hoje, notando com vivo prazer a maneira inteligente como o cronista encara o comercio e a industria do pais, que infelizmente na maioria das vezes é insultado e difamado de um modo degradante pelo publico e pela imprensa.

O remate do artigo, porém, merece um leve reparo que eu ouso apressar-me a fazer. A rasão por que os preços não descem a acompanhar a libra é devido ao facto que muitos dos artigos ainda estão baseados sobre o cambio de 120 escudos por libra, e ultimamente liquidarem-se mercadorias a cambios entre 150 a 154 escudos por libra.

Se os comerciantes fossem a baixar os seus preços só pelo facto de que a libra melhorou uns escassos dez por cento, teriam grandes prejuizos que, aliados á crise que têm atravessado e continuam a atravessar, seriam bastante sensiveis.

Ninguem desconhece que por varias vezes têm ocorrido bruscas subidas de cambios sem que os preços tenham oscilado imediatamente a acompanhar.

No entanto, aqueles comerciantes que ainda gosam de credito com os mercados externos, em muitas ocasiões sofreram consideraveis prejuizos por calcularem e venderem as mercadorias a um cambio menor e liquidarem a um cambio superior. Ninguem os reembolsou.

A repercussão da melhoria cambial só se fará sentir no futuro, se essa melhoria se acentuar cada vez mais. A concorrencia comercial encarregar-se-ha do resto.

Sem outro assunto, subscrevo-me com a maxima estima, de v. etc., *Rogelio Marques Cardoso*»

# Distracções

Um dos espectaculos que mais entreteem a curiosidade publica é o da queda dos governos.

Um governo que durasse sempre seria uma fonte de tedio para as turbas.

Estas, que estão condenadas a agitar-se num frenesi que chega ao delirio, não podem afazer-se á contemplação de coisas que resistem ao seu culto do que é transitorio e insubsistente.

Molock, um deus cruel e assassino, exigia de tempos a tempos que os pais lhes sacrificassem os seus filhinhos, sob pena da sua colera devastar os lares e as cidades.

As turbas, que o numero torna tão soberanas como os grandes cilindros que aplanam as estradas, não se resignam a levar o seu voto ás urnas, a fim de elegerem os cidadãos para as altas funções do Estado.

A eleição é já para elas um acto importante, pois que lhes dá a certesa de que a sua acção é a maior alavanca que se conhece.

Desejam, porém, mais, muito mais, porque necessitam convencer-se de que a sua obra fica dependente da sua colera ou dos seus caprichos.

Poderá alguem privá-las do prazer de destruir?

Um governo, por exemplo, representa o Estado agindo, mandando, administrando; velando pela ordem e pela segurança da nação.

Parece a imagem viva do poder, a concentração das energias de um pòvo que quere viver com a certeza de que a sua vontade e a lei são a expressão unica da sua força.

Pois um simples estremecimento da rua pode deitar a terra o mais forte dos governos!

Todos nós, os que lemos nos jornais os telegramas do estrangeiro, sabemos como é facil e frequente tal acontecimento.

A plebe escolhe os deputados e senadores e estes, por sua vez, fazem do Executivo a ponte das suas ambições.

No fundo, quem legisla é quem governa, não sendo os dois poderes do Estado mais que a mascara dum mesmo personagem — a maioria.

Esta é a voz constitucional da nação e a nação, muitas vezes, ignora que concedeu a outrem o direito de falar em seu nome.

«Em nome da nação...» é a formula consagrada para justificar a existencia duma soberania sem titular.

O povo só tem a impressão de que não é um simples zero, quando ousa amedrontar os que se dão como filhos seus.

—«Que familia a minha! poderia ele dizer. Só me faço obedecido, quando, de chicote em punho, obrigo os que eu criei a reconhecerem que lhes posso tirar a vida.»

O despotismo — eis uma porta excusa das liberdades populares.

## CONFIDENCIAS

**—A minha sorte é igual á tua. Os «cães» é que nos amarguram a vida...**

A Comissão Paroquial do P. R. P. da freguesía de S. José, cujo presidente era o sr. João Antunes Baptista, que tão altos serviços prestou ao seu partido, decidiu significar-lhe a sua muita dedicação e afecto, resolvendo:

1.º Significar ao seu ilustre e querido correligionario, sr. João Antunes Baptista, a sua maxima solidariedade moral e afectiva;

2.º Instar com ele para que revogue ou, pelo menos, sobreesteja na sua resolução que tanto e tanto prejudicaria e magoaria o P. R. P.;

3.º Significar a todas as suas congeneres de Lisboa e a todos os corpos directivos do partido que o seu dever é o de seguirem identica atitude;

4.º Manifestar a esses mesmos corpos directivos que, no caso da marcha dos acontecimentos tornar inviavel os bons desejos desta Comissão, ela se reserva o direito, emquanto contar com a confiança dos seus correligionarios, direito desde já lealmente expresso, de manter com esse seu correligionario o melhor entendimento no que respeita á politica local — civica e administrativa — da freguesia, ainda que ele haja de manter-se afastado do P. R. P.;

5.º Fazer sentir ao Governo que, sem prejuizo da consideração que ele lhe merece e da estima partidaria que sente pelo seu ilustre chefe, é necessario que as medidas pendentes da pasta das Finanças não sejam definitivamente executadas, sem que as reclamações que elas sugeriram sejam acatadas democraticamente e atendidas no limite da justiça que lhes assiste.

O vice-presidente em exercicio, *Joaquim Esteves Nogueira.*

* * *

É PONTO assente que o Parlamento realisará sessões no proximo mês, antes do seu fim. O Governo só tem autorizações para ocorrer ás despesas e cobranças publicas até Novembro — quando terminam os quatro duodecimos que lhe votaram e ele está gosando, de envolta com algumas autorizações em que, surrateira, habil e vantajosamente, envolveram essa lei meios.

Portanto, mesmo sem convite, o ministerio terá de, abrigando-se e obrigando-se ao respectivo artigo da Constituição, de convocar o Congresso para poder viver, fóra duma ditadura de facto, muito antes de terminarem os duodecimos.

*Primo vivere...*

É, pois, certo, ao que com insistencia se afirma, que dentro de 29 dias — a 15, pois 18 cai a um sabado, feriado — ele será aberto. E depois dele aberto seguirá como de costume sem interrupção até 30 de Novembro em que será encerrado, extraordinariamente, para começar ordinariamente em 2 de Dezembro.

*...e deinde philosofare ..*

* * *

O JORNAL inglês *The Daily Mirror*, um dos mais importantes de Londres, publicando uma gravura dos três herois da viagem aerea Lisboa-Macau, acompanhava a desta legenda: «*De regresso* — Major Pais, major Beires e tenente Gouveia, os três aviadores portugueses forçados a abandonar o seu projectado vôo de Lisboa a Macau.»

Isto precisamente no momento em que os heroicos aviadores portugueses desembarcavam em Londres, depois de completada a sua gloriosa viagem aerea...

* * *

FORAM esta tarde recebidos pelo sr. presidente do ministerio os representantes dos jornais de Lisboa e Porto, que lhe leram uma representação, pedindo que as suas administrações não sejam devassadas pelo fisco.

Sua ex.ª, que se mostrou extremamente gentil, ficou de atender um pedido tão justo.

# A Língua

XXXV

## Os cauteleiros em scena

Já não sei quantas vezes tenho registado e comentado, neste jornal e noutros, bem como um livros, a disparatada grafia *vigessimo*, que eu chamo escrita e pronúncia de cauteleiros, em vez de *vigésimo*, que nunca teve senão em s e que se pronuncia *vi-gé zi-mo*.

A tal ponto os arautos da lotaria gritam os seus *vigessimos* (com dois *ss* ou *c*), que o grito invade até as tipografias, reproduzindo-se em jornais sérios e bem redigidos.

Mas o melhor da passagem é que eu, aliás grande pecador, mas incapaz daquele pecadão, sou confundido com frei Tomás, que prègava uma coisa e fazia outra, e acusam-me de pecados que eu atribuo aos outros.

Assim é que, no *Diario de Lisboa* do dia 3 do corrente, subscrevi um artigo desta secção, em que se lê:

—«Pela centéssima vez acabamos de pôr os olhos...»

Ocioso e talvez dizer, que eu nunca perpetrei aquele *centéssima* (com dois *ss*), mas está subscrito por mim em letra redonda, por mercê de alguém que me não deseja mal, mas que me julgou cauteleiro, talvez por eu gritar muito, embora venda pouco.

Varrida a minha testada, como é de direito, do melhor grado repartiria a sorte grande com os clientes dos cauteleiros, se ela me soubesse a porta; assim, apenas lhes venderei, por baixo preço ou a trôco de simples desculpas, as melhores intenções da minha desataviada prosa. Quem me compra o resto?

*C. Senior*

# CARTAZ

## TEATROS

**S. Carlos**=Não ha espectaculo.
**Nacional**=Não ha espectaculo.
**S. Luis**=A's 21,15—«Maria Antonieta».
**Trindade**=Não ha espectaculo.
**Avenida**=Não ha espectaculo.
**Apolo**=A's 21,15=«O comboio n.º 6».
**Eden**=«Não ha espectaculo».
**Maria Victoria**—A's 20,45 e 22,45—«Réz-Vêz».
**Gil Vicente**=Não ha espectaculo.
**Colisen dos Recreios**=Não ha espectaculo.
**Salão Foz**=A's 21—Variedades.

## ANIMATOGRAFOS

**Politeama**=A's 21—Animatografo.
**Olimpia**=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
**Cinema Condes**=Avenida da Liberdade.
**Salão Central**=Praça do Restauradores.
**Chiado-Terrasse**=Rua Antonio Maria Cardoso.
**Salão Ideal**=Rua do Loreto.
**Cine-Paris**=Rua Ferreira Borges.
**Salão da Promotora**=Largo do Calvario.
**Eden Cinema**=Rua do Alvito.
**Salão-Rocio**=Rua do Arco do Bandeira.

# ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

## Assembleia geral

## CONVOCAÇÃO

**Por ordem do sr. vice-presidente em exercicio e nos termos dos estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir em sessão extraordinaria no dia 16 do corrente, pelas 21 horas precisas.**

**Ordem dos trabalhos:**

**1.º Actualização dos impostos em face da crise financeira que se vem atravessando e nenhuma medida tem procurado atenuar, sequer.**

**2.º Situação do comercio perante a lei que obriga desde já a selagem de determinados artigos, ameaçando tornar-se extensiva a outros.**

**3.º Situação dos importadores e vendedores-retalhistas de tabacos perante o estranho acordo negociado pelo governo.**

**4.º Situação do comercio da metropole e das colonias em face da indiferença governamental na grave questão das transferencias coloniais.**

**5.º Proibição de importação de automoveis, inicio de outras restrições atentatorias da liberdade de comercio.**

**6.º Situação privilegiada da Caixa Geral dos Depositos na selagem dos titulos e outras operações.**

**Lisboa, 11 de Setembro de 1924.**

**O 1.º Secretario**

**João Pereira da Rosa**


**CASINO DE SINTRA**

CONCERTOS pelo sextete dirigido pelo eximio maestro F. BENETÓ—Programas especiais com as melhores obras dos grandes autores classicos e modernos—Restaurant com serviço de 1.ª ord.

ALMOÇOS E JANTARES
a preços fixos e á la carte

Soupers chauds e froids—Chefe de cozinha francês—Concerto durante as refeições—Bar americano


## A CRISE DOS JORNAIS

# A representação

## que hoje foi entregue ao Presidente do Ministerio

## pelas emprezas jornalisticas

E' do seguinte teor a representação que as Empresas jornalisticas entregaram, esta tarde ao chefe do governo:

«*Ex.mo Sr. Presidente do Ministerio:* — Os serviços que a Imprensa presta ao Estado, dentro da actual organização social, são incalculaveis. Esta afirmação é axiomatica e constitue, por isso, uma verdade de tal forma evidente, que é indiscutivel. Resulta daqui que em todos os paises do mundo as Empresas Jornalisticas gosam de uma situação excepcional. O Estado, tendo-as como um dos seus principais apoios, auxiliam-nas, protegem-nas e facilitam-lhes a existencia. Tal procedimento recebe, em todos os paises civilizados, o apoio unanime da opinião publica. Desde as classes mais conservadoras até aos grupos mais avançados, a Imprensa é considerada como uma excepção deante de todas as leis tributarias. A liberdade de Imprensa exige uma ampla liberdade de movimentos, e a liberdade de pensamento obriga a facilitar a toda a gente a exposição livre de opiniões e principios. Ha, pois, que libertar a Imprensa de qualquer intervenção fiscalizadora e não entravar a sua acção, algemando-a com leis que não sejam as especialmente criadas para regular o seu exercicio. A liberdade da Imprensa só pode estar limitada pela Lei de Imprensa, e não é admissivel que a sua liberdade possa ser coagida em virtude de disposições fiscais. Ora, a lei fiscal, que o Parlamento Português aprovou não visava, certamente, a limitar, embora por fórma encoberta, a liberdade da Imprensa. Tal pensamento seria improprio de uma assembleia representativa da vontade nacional de um país civilizado. Pois, Sr. Presidente, não só nente essa lei dá ao Estado maneira de submeter a Imprensa a uma terrivel espada de Damocles, como tambem facilita a intromissão lenta dos fiscais dos impostos dentro da vida jornalistica. A redacção do § 2.º do artigo 12.º da tabela geral do imposto de sêlo, publicada no *Diario do Governo* de 26 de Agosto ultimo (I série), é demonstração insofismavel do perigo a que a Imprensa está submetida. Tal paragrafo deve ter resultado de alguma infiltração subrepticia efectuada por algum ingenuo burocrata, para inocentemente ficar sendo o ditador da Imprensa. E foi a boa fé das Empresas Jornalisticas e a confiança absoluta que elas têm no senso e inteligencia dos nossos legisladores que fez com que elas a seu tempo, não tivessem devidamente dado o grito de alarme.

Mas, não querendo elas fugir ao pagamento da quota que devem ao Estado, nem desejando que alguem podesse atribuir-lhes o intuito de fugirem a sacrificios na hora grave que o Paiz vive, limitaram-se a vêr no projecto de lei que então foi presente ao Parlamento uma disposição gravosa e um natural aumento de imposto. Mas hoje, que já teem havido varias conversas com funcionarios dos impostos, e que um regulamento se está confecionando para dar execução plena á lei, as Empresas Jornalisticas sentem-se tristemente surpreendidas pelo miseravel alçapão em que a sua boa fé e confiança exageradas as deixou cair.

A redacção do referido § é de tal fórma formidavel que fica ao criterio de um simples fiscal dos impostos toda a materia jornalistica. Um artigo sobre termas, hoteis, explorações coloniais ou sobre qualquer outro assunto, que os jornais publiquem para bem do Paiz e no exercicio da sua missão de propaganda, pode ser tido como anuncio feito *em troca de serviços*! E, nessa altura, ficaria tal materia jornalistica sujeita ás garras do fisco, ás sanções regulamentares, ao pagamento de multas e até á execução fiscal, se não houvesse préviamente o cuidado de liquidar 3 por cento sobre o valor dos *serviços recebidos em troca*.

Não pode subsistir tal disposição legal e, por isso as Empresas Jornalisticas pedem a v. ex.ª a suspensão temporaria da referida lei, continuando elas, até que o Parlamento se pronuncie novamente sobre o assunto, a pagar o respectivo imposto de 3 por cento sobre as declarações que actualmente estão prestando ás repartições de finanças. O Estado, assim, nada perde e poupa-se, ex.mo sr. Presidente, o vexame atentatorio da mais sagrada das liberdades, a liberdade de pensamento.

Confiam as Empresas Jornalisticas no alto criterio de v. ex.ª e no elevado espirito de quem hoje está presidindo ao Poder Executivo, e, por isso, creem que tal disposição ficará suspensa, continuando tudo como ora se pratica»


OS

# 'azes' do cinema

Jackie Coogan

o admiravel artista que tem no

"Miudinho não tem emenda"

ontem estreado no

# OLIMPIA

com grande sucesso, uma das suas mais notaveis creações.

# PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos

**CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58**

# A's Senhoras

**Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo**

**MAPLES** POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 500$00 : : : : : : FABRICAÇÃO GARANTIDA: : : : TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja : : :

**FATOS E SOBRETUDOS**

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.


# Mundanismo

## Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

**D. Sofia Ribeiro da Silva Bragança, D. Maria Tereza Caldeira de Barahona Fragoso (Esperança), D. Guilhermina Sofia Pereira Machado de Lima de Belo Cunha, D. Maria Antonieta Duff Burnay de Mendonça, D. Eponina Zenha Mackee, D. Maria de Sousa e Holstein Beck (Palmela), D. Maria Tereza de Lencastre (Alcaçovas), D. Flavia Almeida Noronha Alves, D. Maria Angela Ressano Garcia Ramos.**

E os srs.

**Conselheiro Alberto Antonio de Morais Carvalho de Menezes e Vasconcelos, Joaquim de Betencourt Pita de Vasconcelos Thompson e Sebastião Alves Diniz.**

## Diplomatas

Segue, na proxima quinta feira, 19, no «Almanzora», em goso de licença, acompanhado de sua esposa, o sr. Stanley G. Irving, consul de Inglaterra e secretario comercial da embaixada, em Lisboa, sendo substituido durante a sua ausencia pelo sr. C. A. Edmond, consul no Porto.

## Casamentos

Na linda capela do palacete do sr. José Coimbra Pacheco, no Porto, realizou-se o casamento do sr. Augusto Coimbra Pacheco, com a sr.ª D. Flavia Pereira Guimarães, gentil filha da sr.ª D. America Geraldes Guimarães e do sr. Guilherme Pereira Guimarães.

Serviram de padrinhos ao noivo seus irmãos o sr. José Coimbra Pacheco e a sr.ª D. Ana Pacheco de Morais, e seus cunhados, sr. Joaquim Pereira de Morais e a sr.ª D. Augusta Barros Coimbra, da noiva seus padrinhos de baptismo, sr.ª D. Flavia Lages Fernandes e o sr. Augusto Gonçalves Fernandes.

Celebrou missa e recebeu os noivos, por uma cativante atenção para as duas ilustres familias, o venerando Bispo do Porto, sr. D. Antonio Barbosa Leão, que fez uma comovente predica aos assistentes, falando do matrimonio como um dos mais puros sacramentos da Igreja.

No final da sua pratica o ilustre prelado deu a Benção Episcopal aos noivos.

O acto revestiu a maior simplicidade, assistindo apenas as familias dos noivos e alguns amigos da maior intimidade.

A seguir foi servido aos assistentes um delicadissimo «lunch», trocando-se sinceros e afectuosos brindes.

Os noivos seguiram para Viana do Castelo em viagem de nupcias.

## Baptisados

Realisou-se em Cascais, na maior intimidade, o baptisado dum filhinho da sr.ª D. Carmen Morales de los Rios de Castro e do sr. Francisco de Castro. Foram padrinhos do neofito seus tios maternos a sr.ª D. Maria Amelia Morales de los Rios Leitão e o sr. Eduardo João Burnay.

O pequenino recebeu o nome de Eduardo.

## Em Cascais

No proximo sabado, 20, realisa-se no salão da Farada um grandioso «jantar á americana», promovido por um gentil e buliçoso grupo de encantadoras meninas da nossa primeira sociedade.

A marcação de mezas pode fazer-se desde já no Sporting, fechando a inscrição na quarta feira, 18.

## Veraneios elegantes

VIDAGO, 10 de setembro.—*Meu bom amigo.*—O Palace continua muito animado, todos os dias chegam novos hospedes que vem fazer tratamento, aproveitando tambem fazerem uma cura de repouso.

Ontem realisou-se no magnifico salão de festas a festa artistica do eximio quarteto deste hotel, a qual decorreu sempre debaixo da maior animação e entusiasmo, deixando o programa, que foi organisado com verdadeiro criterio artistico a mais bela impressão na selecta assistencia, recebendo os festejados fartos aplausos ao terminarem os varios numeros do programa, que foi fielmente cumprido.

Nestes ultimos dias chegaram aqui as seguintes pessoas:

Adriano Maia, esposa e filho, dr. Artur de Carvalho (Ervideira), Rodrigo Severiano Monteiro, Serafim Fernandes Claro, Alfredo Torres Carneiro e esposa, dr. Julião Senna Sarmento, consul da Grecia, D. Maria Rosa Correia de Lacerda, Alfredo de Almeida Correia da Costa e esposa, D. Maria Feliciana Correia de Lacerda, Henrique Augusto Ferreira, dr. Nicolau de Mesquita e Manuel Seixas.—Até breve.—«D. Nuno».

## Em viagem

Está no Gerez fazendo uso das aguas o sr. Alexandre de Almeida.

—Encontra-se em Lisboa o sr. José Luiz de Melo, ilustre advogado e proprietario em Cabo Verde, e pae dos srs. Antonio Nobre de Melo, capitão de artilharia e sr. dr. Martinho Nobre de Melo, professor da Universidade e antigo ministro.

—Partiu para o Estoril a sr.ª D. Luiza Gonçalves Nogueira.

—Partiu para a Ilha de S. Miguel, em viagem de recreio, o sr. D. Vasco Luiz de Castro (Nova Gôa).

—Regressou á Madeira com sua esposa a sr.ª D. Laura de Castro e distincto escritor sr. dr. Feliciano Soares.

—Do solar de Lanhoso, da sr.ª condessa de Almada e Avranches, partiu para a quinta de Bizelga dos srs. condes de Nova Gôa, a sr.ª D. Ana Augusta de Castro Freitas Branco.

—Partiu do Cartaxo para a Foz do Arelho o sr. Nuno Infante da Camara.

—Partiu de Oliveira de Azemeis para a Terceira o sr. Amadeu Valente.

—Partiu para Evora o sr. Conde de Ervideira.

—Regressou das termas de Monte Real o sr. Victor Fillol.

—Está no Mont'Estoril o sr. Jorge de Mendonça.

—Partiu para Freixedas o rev. padre Alfredo dos Santos Martinho.

—Partiu para a Nazareth o sr. Francisco da Silva Sequeira.

—Partiu para Agueda o sr. Fausto Pinto Barata.

—Está em Cascaes o sr. Luiz Pinto Machado.

—Regressou do norte, com sua esposa, o nosso presado amigo e colega da imprensa sr. João Rosa.

—Regressou do Gerez o sr. Augusto Cisneiros.

—Partiu do Porto para as Caldas de Saude o sr. A. M. Rosa Valente.

—Partiu para o Cartaxo o sr. Luiz Vieitas da Casta Simões.

—Partiu para Mortagua o sr. dr. Alexandre Cancela de Abreu.

—Partiram para a Alfandega da Fé os srs. Julio Manuel Pereira e Antonio Manuel Pereira.

—Partiu da Povoa do Varzim para Oliveira do Douro o sr. A. A. Crispiniano da Costa.

—Partiu de Amarante para Portela do Douro o sr. Francisco Perfeito de Magalhães.

## Doentes

Entrou em franca convalescença o sr. Antonio Bivar de Sousa Dores.

—Está de cama, com um ataque de grippe, a senhora condessa de Quintela.

## LIVROS NOVOS

# "Arquivo poetico da Grande Guerra,,

## organisado

## pelo tenente Rogerio Marques de Almeida Russo

**O tenente miliciano de artilharia sr. Rogerio Marques de Almeida Russo, que voluntariamente combateu na Grande Guerra, deu-se ao interessante trabalho de coligir as poesias mais curiosas sahidas dos labios e das penas dos portugueses que andaram o calvario da Flandres.**

**Essas poesias acabam de ser publicadas, sob o nome de «Arquivo-poetico da Grande Guerra».**

**E' um livro muito curioso que bastante vem enriquecer a bibliografia da guerra.**

**Dele transcrevemos, ao acaso, algumas poesias:**

### *Uma carta*

Por João Faria Afonso, 2.º sargento de eng.

I

Minha muito e sempre qu'rida:
Eu não sei bem o porquê;
Mas, a carta recebida,
Rasguei-a toda! E, tu, vê:
Era tão simples e bela
Que, no maço do bornal,
Não ha outra como ela
Nem que tanto á alma fale!

II

Mas tu perdôas-me, sim?
Quando vi que tu sofrias
Assim, por amor de mim,
E lentamente morrias
Como eu morro aqui na guerra,
Enervei-me tanto, tanto...
E, lembrando a nossa terra,
Abri meus olhos ao pranto.

III

Estive assim tantas horas!...
Com a cabeça inclinada,
Como quando tu namoras,
Tambem na dextra apoiada;
Os olhos, errando, loucos;
O coração a bater;
A vida fugindo aos poucos,
As pernas, sempre a tremer!...

IV

E adormeci, tão cansado!...
E sonhei cousas d'amor,
Enlevos de namorado!...
Todo o campo era em flor,
O ceu dum azul celeste;
Os beijos que me roubaste
Tão iguais aos que me déste
Quando vim e tu ficaste!...

V

Que sonho! Sós, nós corriamos
Como quando em crianças
Um ao outro os dois fugiamos
Havia risos e danças
Num grupo de lindas fadas
Que larga roda formaram,
Todas elas de mãos dadas.
E, não sei como, levaram,

VI

Naquela roda, contigo,
A minha vida tambem.
E sabes que não consigo,
—Nem o consegue ninguem—
Saber porque é que acordei
No segundo em que «morri»?
Seria porque sonhei
Sobre a carta que então li?

VII

Foi! que tu já me falavas
Na volta, no enxoval,
E, muito triste, contavas,
Das noites de Portugal,
Quantas ainda teria
De, nesta lama, passar.
Mas, vê tu, oh! que alegria:
A guerra vai terminar!

VIII

E esta tambem termino.
Mas, tu, nota, antes de tudo,
Que eu *mando e determino*:
A minha mãe, sobretudo,
Muitos abraços e beijos;
Para ti, o coração
Todo cheio de desejos,
Do dedicado *João*.

Flandres, Novembro de 1918

### *Balada da neve nas trincheiras*

Por Diogo Carmo Reis, (Marco Sire)—alf. mil.

Travézes brancos, branca trincheira
Do orvalho santo que vem dos ceus!
O campo morto desta maneira
Lembra o sudario d'alguma freira
Que está rezando por nós a Deus.

E a neve geme, e a neve chora,
Entre os murmurios da soledade!
Ai que tristezas que eu sinto agora
Da nossa Patria, onde o sol móra
Como um sorriso de mocidade!...

Como me lembro de ti, querida,
Da nossa casa, onde, a cantar,
Corre a existencia em paz, florida!
Lá não ha neve, ha luz e vida!
Lá não ha neve no nosso lar!

E a neve chora, vai murmurando
Trovas que a terra virá beber!
A lua branca passa, fitando
A neve branca, que vai tombando
Numa frieza de endoidecer!

Surge-me em sonhos essa criança
Que o nosso afecto encheu de amor!
Um filho! um filho, nossa esperança,
D'olhos escuros, todos bonança,
De labios rubros como uma flor.

E a neve desce, e a neve cobre
Todo o terreno que é de ninguem!
E, ao parapeito, o olhar descobre
Um vulto negro, alguem, um pobre
Que talvez pensa no lar, na mãe.

Neve que tombas sem descansar,
Linho tecido pela inverneira:
Deixa um momento de suspirar.
Oh que tristezas em vos fitar.
Travézes brancos, branca trincheira!

Front, 25—XII—917.

### *Compris?*

Por José Ribeiro Barbosa, cap. de inf. 29

Cantou hoje a «calcoré»
A' porta do meu abrigo:
«O *boche* est beaucoup faché»;
«No bonné»—«compris, amigo?»

Ferme du Bois II, 19—XII—917.

### *Relatorio diario (I)*

Por Eduardo F. Guerreiro, alf. mil. de inf. 29

*Visibilidade*—boa.
Enquanto durou o dia;
Mas assim que se fez noite
Nem «passerelles» se via.

Perto da segunda linha
Caíram quatro *morteiros*
—Uma simples ninharia
E da classe dos *ligeiros*—.

*Artilharia—inactiva*
Mais mansa que um borrego
—Um descanso para a gente
Que chora pelo socego!...

Não foi visto *aeroplano*;
Nenhum *chouriço* no ar,
—Que são aves agoirentas
Que fazem «encalistar».—

As *munições* que gastou
O segundo pelotão:
Cinco *granadas «Hale»*,
E doze *ditas de mão*;

Para *calcorés*, mil tiros;
*Atiradores*, quarenta;
*Very lights de pol'gada*,
Trinta; dos grandes, cincoenta.

Um *sniper* fez cinco tiros
Em frente do meu abrigo,
Mas o cabo «Very-lights»
Zunchou-lhe, como castigo,

Sete *risadas* de balas
K 16 fabrico,
E quatro granadas «Hale»
Que o fizeram num fanico.

Na sua primeira linha
Com afan «*boche*» *trabalha*,
—Que os nossos belos morteiros
Transformaram tudo em palha!

Dentro do seu parapeito
«Boche» aquece-se á lareira;
Sem pelicos nem safões,
Acende a *sua fogueira*.

«*Very lights*, muito poucos,
Lá dos nossos «vis-á-vis»...
Prepararão eles «fita?»
Fita «no bonne» «compris?...»

Relatorio aqui termino;
Nada de registo houve.
Eduardo F. Guerreiro
Alferes do vinte e nove.

### *Envelope*

Para o sr. comandante
Companhia da direita
Em Ferme du Bois 2,
Lá na cama em que se deita.

Envia o comandante
Do 2.º pelotão;
Esquerda da Companhia
Em frente do «alimão».
Ponha o visto p'ra saber
Se recebeu ou se não.

### *Relatorio diario (II)*

*Visibilidade*:—Dia,
Boa. Quando anoiteceu,
«Avenida m'licianos»
Era escura como breu.

Lá na «Terra de Ninguem»
Só viam, com os ouvidos,
As nossas pobres «escutas»
Os mais pequenos ruidos.

*Morteiros*, uns cincoenta:
—Ligeiros, médios, pesados—
Caíram nas nossas linhas,
Não nos ferindo os soldados.

Em S-10-3., direita
Caiu um morteiro pesado,
Esbarrondando um abrigo
Que foi logo concertado.

*A Artilharia* «boche»
Bombardeou mais uma vez
As velhas casas da «Fabrica»
Com explosivos de 10.

De calibre 7 e 7
Algumas tambem lançaram;
Mas, para nossa alegria,
Mui bastas não rebentaram.

Uma coisa eu bem notei:
*Metralhadoras pesadas*
Estiveram pouco activas,
Fizeram poucas rajadas.

«A costureira» da Séven»
Essa sim, bateu deveras
Cá o nosso parapeito
E o espaço entre trincheiras.

*Metralhadoras ligeiras*,
Essas bateram tambem
A nossa primeira linha
E a «Terra de Ninguem».

*Aviação* muita activa;
«Calisto», porém, não vi,
Desde o «Bois du Biez»
Até á «Distillery».

*Munições*: de «calcoré»
Mil tiros (k. 16);
Atiradores, oitenta;
Granadas «Mills», trinta e oc.

Granadas «Hale», dez;
Para-quedas gastos, dois;
«Castridges» pequenos, vinte,
Dos grandes, cincoenta e doi.

Em frente do «Posto Mole»,
Direita da minha «gruta»,
Foi pescada uma *patrulha*
Por um dos postos de escuta.

O seu efectivo era
Cerca de sete soldados,
Os quais foram cá por nós
Com balas mimoseados.

Devido á actividade
Com que os «boches» fazem fogo
Eu, cá por mim, quero crer
Que temos lá pessoal novo.

Confirmo aquilo que vem
No «jornal» do Alpedrinha:
—Que temos borregos novos
Em frente da nossa linha.

Fiz calar á viva força
Um «sniper» alemão,
Pois meteu-se nas encolhas.
Aproveitou-lhe a lição.

Quando do Posto do 15
Se fazia uma rajada,
Tinha logo o numero 1
A «calcoré» alvejada.

Com uma granada «Hale»,
Lançada para o patife,
Acabei-lhe com a vida...
—Já não come «corned-beef»

Na primeira linha «boche»
*Trabalha-se* ali em barda
Em abrigos de «béton»
Por causa da morteirada.

A mascara em gaz «alarme»
Não se pôz no pelotão,
Mas, certamente, a puzeram
Lá abaixo, no Batalhão.

Por hoje termino, aqui
Relatorio verdadeiro.
Alferes miliciano
Eduardo F. Guerreiro.


**Policlinica do Intendente**
**Almirante Reis, 27, 2.º**
**Telefone N.º 2989-N.**

**Dr. Abel Alves**—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
**Dr. Almeida Dias**—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
**Dr. Anastacio Gonçalves**—Doenças dos olhos, ás 15.
**Dr. Antonio Martins**—Doenças das senhoras, ás 16.
**Dr. Armando Formigal Luzes**—Rins e vias urinarias, ás 11.
**Dr. Artur Pacheco**—Doenças da pele, ás 14.
**Dr. Benard Guedes**—Raios X, ás 16.
**Dr. Carlos Fradique**—Doenças das crianças, ás 15.
**Dr. Fernando Fonseca**—Sifilis e doenças de nutrição (disbetes, gota, obesidade), ás 16.
**Dr. Formigal Luzes**—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
**Dr. Mario Rosa**—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
**Dr. Pereira da Silva**—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
**Dr. Pereira Varela**—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
**Dr. Vasco de Lacerda**—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
**Dr. Vasco Palmeirim**—Cirurgia geral e operações, ás 16.

**Casino de Cintra**
**Restaurant com serviço de 1.ª ordem**
**Almoços e jantares**
**a preços fixos e à la carte**
**Chá-dancing**
**Soupers froids**
**Chefe de cosinha francez**
**Concerto durante as refeições**
**BAR AMERICANO**

**SCALABITANOS**
**Deliciosissimos licores! Soberba apresentação**
DEPOSITO GERAL Telef. C. 11
**RUA AUGUSTA, 70, 2.º**

# A Cidade

POLICIA PARTICULAR
DETECTIVES
EX-AGENTES DA POLICIA DE INVESTIGAÇÃO
ESCRIPTORIO (PROVISORIO)
RUA GARRETT, 48-5.º E.

## Chá das cinco

### Interrogação

Ha dôres que se encerram numa lagrima, apenas num soluço, muitas vezes num beijo.

São tão pequeninas como os circulos das estrelas que nós vêmos brilhar sobre o misterio da noite, como um misterio maior.

Cabem num olhar—e não cabem numa confissão, nem mesmo numa vida, porque elas não chegam a dar em anciedade, em ternura, em sacrificio, em amor e em paixão—a beleza que de tão longe vem pelo espaço fóra ao encontro da nossa alma...

Mas será para ela? Ha tanto sol pelas estradas! Levam-no nos olhos os mendigos. Levam-no nas aguas os rios. Levam no no ceu as nuvens.

Levantamos os braços em religiosa e comovente adoração, para essa côr que é côr que é luz, alma calada como os violinos que adivinham outono abandonado sobre os ritmos das estatuas.

Somos humildes. Entregamos-lhe os tributos do sonho e até as nossas saudades, unica esperança do amor que morreu, unica flôr sobre o tumulo abandonado da nossa vida—cinzas que ninguem remexe, violetas que ninguem colhe.

Essa côr podia ter nascido dum sorriso. Podia; é certo... As rosas quando entreabrem pedem a Deus apenas a aleluia da côr, não sabendo nunca se as suas petalas são aurora de alegria ou crepusculo ensanguentado de martirio; não sabendo nunca se é com amor, se é com saudade que os poetas, os amantes e os enamorados as desfolham sobre versos trabalhados de sangue, sobre nupcias de oiro, sobre beijos ardentes, onde as almas se trocam e os sonhos se transmitem, reunindo a terra e o espaço, o mundo e o Universo—dando á morte a labareda da vida e á vida a embriaguez da morte.

Essa côr podia ter nascido dum sorriso. Podia; é certo...

Mas se ele amanhã desfalecer, aniquilando essa côr—o que é a vida sem ela? Para que viver? Para que lutar? Para que sofrer?

*Artur Portela*

## O INCENDIO
### da madrugada de ontem

O agente José Augusto, da 1.ª secção da policia de investigação, continuou hoje nas suas diligencias para descobrir se teve origem criminosa o fogo de ontem nos predios da Vila Nova da Estefania.

Está preso por suspeita de ser seu autor o sr. Elias da Silva Paulino, gerente da firma Elias, Pinheiro, Limitada, proprietaria da serração onde se manifestou o incendio.

Segundo as nossas informações, parece não haver crime.

Está já averiguado que o sr. Elias esteve, de facto, ás 9 horas da noite na serração, onde foi escrever uma carta para sua esposa, que se encontra na Anadia, voltando ali á meia noite, em consequencia de se ter esquecido da carteira.

Acendeu uma vela, com o fim de não abrir a electricidade.

Quando saiu da serração esteve por algum tempo conversando com varios empregados da geradora que existe defronte do predio incendiado.

Uma nota:

O predio onde está instalada a serração pertence á firma Elias, Pinheiro, Limitada, e está avaliado, assim como todos os artigos da serração, em 300 contos, estando no seguro em 200 contos.

* * *

A' tarde o sr. Elias Paulino foi posto em liberdade.

## OS IMPOSTOS
# O comercio
## votará esta noite
## como manifestação de protesto
### o encerramento de todos os estabelecimentos

O activo e inteligente comerciante sr. Eduardo Faria, a proposito da Assembleia Geral da Associação Comercial, convocada para as 21 horas de hoje, manifestou-nos a sua discordancia com a orientação que, possivelmente, ali vai ser tomada, e da qual resultará a greve geral do comercio.

O sr. Eduardo Faria que é um estudioso de sciencias economicas e que fez parte da ex-comissão encarregada de estudar as propostas do sr. Portugal Durão, tem a palavra facil, sugestiva, e, em meia duzia de frases, expôz-nos todos os seus pontos de vista, que submetemos á apreciação e curiosidade dos leitores.

—Concorda com o movimento das Forças Economicas?

—Concordo—desde que o movimento seja orientado com rigorosa ponderação e absoluta ordem.

—Entretanto, fala-se nas possibilidades duma greve...

—Discordo em absoluto dessa ideia.

—Porquê?

—Uma greve do comercio produziria sómente efeitos contra a população e nunca contra os politicos—os unicos responsaveis por todo este descalabro economico e financeiro em que desgraçadamente nos encontramos. De resto, as Forças Vivas constituem elementos de «evolução» e não de «revolução».

—Mas qual o caminho a seguir, em seu entender?

—Não posso indicar elixires, mas posso dizer-lhe que a primeira cousa que temos a fazer é criar um organismo que dê direcção aos elementos que constituem as Forças Economicas Nacionais. Em Portugal só temos organismos que defendem interesses de classes; não temos nenhum organismo que congregue os principais elementos da Economia Nacional, de fórma a imprimir-lhes orientação e acção no sentido da defesa dos interesses comuns.

—Esse organismo?...

—Ha muito que ventilo esta ideia, entre nós, ideia que é velha e revelha lá fóra, pois a ela devem o seu florescimento paizes como a Belgica, a Dinamarca e outros.

—Acha, então, que deve ser ponderada...

—A Camara da Economia Nacional deve ser organisada em bases que lhe permitam o maximo prestigio e auctoridade pela elevação intelectual e moral com que se haja no estudo e indicação dos meios de acção a seguir para o estabelecimento das leis economicas e modalidades que para o melhoramento da vida nacional convenha praticar.

—Disorda, então, de que, isoladamente, as Associações Economicas tratem da nossa questão economica em geral?

—Discordo absolutamente. Isso competirá á Camara de Economia Nacional, uma vez creada.

—Mas emquanto se não cria?

—Podemos, sim, fazer uma demonstração do nosso protesto encerrando, por exemplo, o comercio todo num determinado dia, duas ou três horas, mas não mais, de modo a não prejudicar a população.

E para terminar, o nosso entrevistado declara-nos:

—Temos, lá fóra, cem milhões de libras. Temos o nosso solo uberrimo cheio de riquezas por aproveitar. Temos o nosso credito externo a restabelecer. Temos as nossas industrias a realisar. Temos... tanta riqueza paralisada e em riscos de se perder que só lembrá-lo dá, de facto, vontade de ser revolucionario contra toda a ignobil politica que ha anos nos afunda em miseria, deshonra e crime. Mas nós é que não devemos entrar nesse caminho. O comercio é uma força de «evolução», não de «revolução» como, ha pouco, afirmei, e repito.

## No Campo Pequeno

**Um «passe» de peito com a esquerda, por Antonio Marquez, o famoso toureiro madrileno que toureia em competencia com «Maéra», na proxima quinta-feira pelas 5,30 da tarde.**

## UMA ASSOCIAÇÃO SECRETA
# O que
## pensa fazer
## no Congresso de Bruxelas
### a Maçonaria portuguesa

Procuramos esta manhã, em sua casa, o sr. dr. Magalhães Lima, com o fim de o ouvir, ácêrca do Congresso Internacional Maçonico, que se inaugura, em Bruxelas, no proximo dia 25 do corrente. Encontramo-lo, cercado de alguns amigos, entre os quais os srs. Duarte de Almeida, nosso consul em New York, e Armando Luiz Rodrigues, adido á legação de Berlim e companheiro de viagem do Grão Mestre da Maçonaria Portuguesa.

O sr. Armando Rodrigues é autor de interessantes estudos economicos e financeiros, e tem no prelo uma obra sobre a Youg-Slavia, que será prefaciada pelo dr. Magalhães Lima, amigo e admirador do sr. Massarik, presidente daquela florescente Republica. Tratava-se evidentemente de preparativos de viagem. Aproveitámos a oportunidade, e, enquanto o dono da casa conversava com umas senhoras, dirigimo-nos ao sr. Armando Rodrigues, um estudioso, de grande cultura.

—Que pensa do Congresso de Bruxelas?

—Penso que será uma bela obra da paz e de concordia. A Associação Internacional Maçonica, que tem a sua séde em Genebra, foi a promotora desta magna reunião na capital belga. Portugal, tão pouco conhecido e ultimamente tão caluniado no estrangeiro, carece de aproveitar todos os momentos para mostrar o que é e o que vale. Esta propaganda é mais valiosa do que a propaganda oficial.

—Qual o fim do congresso?

—O fim do congresso é *universalizar* a Maçonaria. Foi com este intuito que se organizou a Associação Maçonica Internacional, graças á intervenção dos americanos de New-York, que têm agremiados mais de 260.000 membros. A Maçonaria tornar-se ha assim o mais poderoso auxiliar da Sociedade das Nações. Os delegados portugueses assistirão, no dia 22 do corrente, ao grande banquete que se realiza em Paris, e que se espera será presidido pelo sr. Herriot e em que tomarão parte os congressistas de Bruxelas, para apoiar a arbitragem obrigatoria e o desarmamento, como preliminares de uma paz eficaz e duradoura.

—Contam com muitos paizes, para a realização da sua obra?

—Temos assegurado o concurso das republicas da America do Norte e do Sul. Os suissos, os franceses, os espanhois, os holandeses, os italianos, etc., estão de alma dentro deste pensamento, e os belgas preparam aos congressistas um acolhimento carinhoso. Tudo o que é humano interessa a Maçonaria, que voltará a representar um grande papel na sociedade actual.

—Parece-lhe pois, que o exito não pode ser duvidoso?

—É uma obra de renovação. A secular instituição procura adaptar-se ao espirito da época, á democracria economica, que domina o mundo. O metodo a empregar é outro e bem diverso. Entre os assuntos que vão ser tratados, figura a questão do trabalho, a emancipação das verbas formulais metafisicas e dogmaticas. A repercussão deste congresso é tal que o sr. dr. Magalhães Lima foi vivamente solicitado para tomar parte em reuniões, que seguem a mesma ordem de ideias, e que se realizam, nos primeiros dias de Outubro, em Viena de Austria e em Berlim, onde no dia 2 se inaugura o Congresso Universal da Paz.

—Qual é a orientação do Grande Oriente Lusitano Unido?

—A mesma da Associação Internacional Maçonica, de que fui um dos fundadores. A sua colaboração é a de uma colectividade, que, pondo de parte facções e oligarquias, procura engrandecer a sua patria, proclamando a continuidade da nossa historia, pelo recente e glorioso feito dos nossos aviadores.

**Instalações electricas**
Otimo material Preços modicos
ERNESTO P. DA COSTA
Rua da Prata, 153-2.º D. ou Estrada do Calhariz de Benfica, 36

# A Cidade

**T. S. F.**
APARELHOS, PEÇAS SOLTAS E ACESSORIOS
OS MELHORES PREÇOS
CONSULTAS GRATIS
ARMANDO CASQUILHO
ENGENHEIRO-ELECTRICISTA
RUA DA VICTORIA, 73-2.º LISBOA

### A CAMARA MUNICIPAL

# Pediu

## a demissão

## por causa duma entrevista

### o vereador Raul Caldeira

O distinto engenheiro sr. Raul Caldeira acaba de enviar ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa o seguinte oficio, pedindo a sua demissão de vereador:

«Tendo regressado agora a Lisboa e lido uma entrevista publicada no «Diario de Lisboa» de 5 do corrente, na qual se fazem á Comissão Executiva da presidencia de V. Ex.ª varias acusações e se evidencia o meu nome como o possivel maior responsavel de supostas irregularidades, venho apresentar a V. Ex.ª as considerações a conclusão que o assunto me sugere.

Sabiam, V. Ex.ª e os membros da Comissão Executiva em activo serviço, que me encontrava, com previo assentimento de v. ex.as, muito longe de Lisboa.

Sabem v. ex.as que a minha atitude de combatividade contra alguns altos funcionarios municipais explica logicamente, certas noticias de descredito, que exigem pronto esclarecimento por parte da Comissão Executiva, tão solicita sempre em fornecer aos jornais notas das suas iniciativas, atitudes e promessas.

Não desconhecem v. ex.as que nada tive — e até ignoro se se fizeram — com nomeações de funcionarios destinados á fiscalização sanitaria das carnes.

E' do pleno conhecimento de v. ex.as ser falso que se tenha desembolsado a quantia de 40.000$00 com o pogamento a medicos; e, muito menos, que tenha sido eu quem tratou o assunto referente á remuneração dos mesmos.

V. ex.as têm absoluto conhecimento de que me insurgi contra a decisão do Senado mandando ouvir advogados extranhos á Camara sobre um assunto tão pouco duvidoso como aquele de que tratou o advogado sr. dr. Magalhães Colaço, e não ignoram tambem que o pagamento de 8.000$00 ao mesmo senhor foi feito sem meu acordo, pois não me prestei a visar a respectiva folha de pagamento.

Tambem sabem v. ex.as que nos serviços dependentes do meu pelouro não foi feita a acquisição de automovel algum, pela simples razão de se não tornar necessario ao serviço, pois se o fosse eu não hesitaria em propor a compra.

V. ex.as tão pouco ignoram que o serviço de escrituras da Camara é da absoluta competencia e responsabilidade do seu secretario, não tendo eu que me intrometer nas relações do mesmo com as outras partes contractantes, ou seus representantes, e que, portanto, era absolutamente falta de senso e verdade a afirmação de que eu teria estado em contacto com o advogado da Companhia Carris; sabendo mesmo v. ex.as que o unico representante daquela companhia com quem tive de tratar — pois não foi ainda descoberta a formula de fazer acordos sem que as partes tratem — foi o seu director sr. Coronel Baptista Coelho.

Nenhum de v. ex.as ignora que eu apesar de quotista da Companhia Industrial de Vila Franca e Bomfim, Lda., nada tenho com a sua gerencia e administração, sendo do conhecimento de todos que, tendo eu exercido ali funções da minha profissão, delas me afastei em 1923 fazendo-me substituir pelo engenheiro sr. Humberto Serrão.

Recordo-me finalmente, sabem v. ex.as, com toda a segurança, que nunca solicitei para aquela, — ou qualquer outra empresa —, tratamentos especiais, nem tão pouco tive de intervir em qualquer acto de adjudicação ou regularisação de pagamentos á mesma empresa.

V. ex.as têm conhecimento de tudo quanto deixo exposto e não chamam a atenção do

*(Vêr continuação na 8.ª pagina).*

## UMA NOTICIA

# A Catarina

## viuva do Faustino

## morreu no Jardim Zoologico

### com grande pesar dos outros antropoides

Quem nos deu a noticia, já ha dias, foi a sr.ª Genoveva, que é a velhota que vende pevides e amendoim no seu casinhoto, cerca de toda a macacaria.

—Coitadinha! Metia dó! Ela não era tão má como a faziam. Depois da morte do «marido» não parecia a mesma. Claro que boa não era. O novo marido apanhava cada tareia que até me arripiava. Mas era boa creatura. Lá isso...

—A senhora conhecia-lhe o viver?...

—Pois não havia de conhecer! Sou aqui vizinha ha um rôr de tempo. Lá tinha as suas desavenças com o Francisco Barrete (Francisco era o marido que lhe deram ha dois anos depois que morreu o Faustino), mas era como em nossas casas: aquilo passava.

—Teve pena?

—Como o outro que diz: ela não me era nada. Mas em todo o caso...

* * *

O Jardim Zoologico, de manhãsinha, ai pelas nove, quando ainda está fechado ao publico — é um paraiso. Apetece ali passear, e passeando quasi apetece lá viver. O certo é que algumas jaulas estão disponiveis.

Os leões e leopardos, em familia, visinhos indiferentes dos ursos malaios, dos lobos alsacianos e das hienas, alta origem dinastica dos cachorros degenerados que as senhoras trazem ao colo — fazem o seu banho. Espreguiça-se o velho dromedario, cá em baixo, espargindo nostalgias nos seus olhos contemplativos e estaticos. Os dois elefantes, sem olharem o sitio onde põem a pata, esperam as suas três arrobas de pão e hortaliça, primeiro almoço. As aguias reais devoram o seu bife em sangue, e os pombos mariolas abrem as azas cinzentas á primeira frescura do sol.

Os tratadores assobiam, em mangas de camisa, e o silencio do local, com a agua das mangueiras, lavando indiferentemente os rosais e os esterqueiros, e os aromas selvagens do pinhal que andam de manhã, cá em baixo a passear, numa civilisação fraternissima de Campos Elyseos ideais, fazem daquilo, como dizemos, um Eden.

O Salvador, que é de ha muito o tratador da macacaria grande, e foi o grande amigo do Faustino e da Catarina (Deus lhes fale na alma) — está de licença na terra. De modo que quem ficou a fazer as suas vezes foi o Sousa, o Antonio Sousa, que é o tratador dos galinaceos e columbideos, mas que trata tambem os antropopitecus e os abutres.

O sr. Antonio Sousa, porque não está ninguem no escritorio (que é onde os homens tem representação no jardim) é quem nos elucida:

—A Catarina morreu, com efeito. Não se poude fazer nada. Três dias a tratamos com carinho. Foi uma enterite.

—Uma enterite?

—E' verdade. Parecia uma criança. Muito triste no ultimo dia, foi-se embora. Quando se abriu, de alto a baixo depois de morta, é que se viu que era uma enterite. Com complicações — sabe?

—Ela era velha?

—Tinha a idade do Faustino. Foram dadas de presente em 1909, já com 9 anos. Hoje deviam ter ambos 24 para 25 anos. Como vê — morreram bem prematuramente.

O sr. Sousa dá-nos esclarecimentos. O Faustino era muito inteligente. Muito. Muito mais do que ela, que era torta. Muito torta mesmo. A senhora Genoveva não os conhecia senão de visinhança, por isso fazia o elogio dela, talvez por afinidade de sexo. Os esclarecimentos, acêrca da inteligencia do Faustino, não os contamos porque com eles se poderiam ofender alguns homens. Ela era mais «burra», mas ainda assim, explica o Sousa, muito fina, ainda que muito egoista. Por causa dela é que o Faustino ás vezes se zangava com os visitantes, e foi por causa dela que o Salvador, que os tratou muitos anos, teve de deixar de entrar lá dentro. Claro que não era por ciumes. Mas ao Faustino não lhe agradava...

—De que morreu o Faustino?

—De um tétano — disseram no Museu para onde ele foi inteirinho. Um tétano num dedo. Podia lá adivinhar-se! A Catarina, essa ficou cá. Tiramos-lhe a pele, que guardamos, e enterramo-la ali em baixo. O Museu queria o esqueleto, mas...

—E que tal se dava ela com o Barrete?

—O Francisco é mais novo. Tem aí os seus 10 anos. Ao principio ela chegava-lhe. Não o queria reconhecer. Mas depois, com o tempo, o senhor sabe o que é isto de viver um homem com uma mulher. Por fim ele já lhe dava cada tareia...

—Mas a senhora Genoveva diz o contrario.

—Ela é apenas visinha. Eu é que sei bem.

O sr. Sousa, que é um empregado dedicado ao Jardim e amavel com os homens, tanto como com os bichos, fica agora especado comnosco diante da jaula que devia estar vazia — mas não está... Lá se lê:

*Antropopitecus trogolytes.*
*Linu:— Chimpanzé.*
*Quadrumanos antropomorphos.*

E entre parentesis:

*(O mais inteligente de todos os antropoides.)*

Sabemos que já varias pessoas, cujos nomes ao caso não interessariam, têm tentado apagar dali a observação entre parentesis. Mas dissemos que a jaula não está vazia. De facto, habitam lá agora uns parentes afastados, mas da mesma especie e origem, Angola, e que se chamam o *Chico* e a *Feiisberta*, grandezinhos, nove anos, negros, discretos, visinhos do pobre Francisco Barrete, que está inconsolavel e que, para se vingar, come ração por ele e pela defunta: dois litros de fava, um pão de quilo, um molho grande de couves e dois quilos de cenouras. Dispensa vinho.

—Mas a Catarina...

—Faz hoje oito dias! Olhe que dá tristeza. Mas estes já estão do tamanho deles, e promêtem. Não querem nada com homens e muito menos com mulheres. São inteligentissimos!

Neste pequeno passeio fomos acompanhados pelo *Antoninho*, um baboino de raça etiope, macaco como os outros, vivo e espertissimo, que se raspa da jaula pela grade, emquanto a mãe fica a vê-lo do lado de dentro, em cuidados, como a dizer:

—Toma cautela com eles!

E agora duas notas: O animal mais feroz do Jardim é um urso pardo, que lá anda a fingir de boa pessoa, e o mais antigo, a zebra, que olha os elefantes com o desprezo infinito que lhe vem da sua elegancia e encara os homens com superioridade, uma especie de direito divino, que lhe nasce — de não fazer mal a ninguem.

# Uma declaração

### de revolucionarios de 5 de dezembro

Os srs. Antonio Dias, Manuel Gonçalves da Silva, José Tavares de Almeida, Alfredo das Neves e Manuel Jeronimo pedem-nos a publicação da seguinte declaração:

«Os signatarios desta carta desejam por esta forma tornar publico que foram absolutamente estranhos á publicação dos seus retratos no ultimo numero do semanario «A Ditadura», com cujos processos jornalisticos e orientação absolutamente discordam. Não engeitam, antes disso se orgulham, a parte das responsabilidades que lhes cabem no 5 de dezembro, mas repelem solidariedades que lhes não agradam.»

# Pelos teatros

## «A Festa do Fado»

*Continuam chegando á comissão organisadora da Festa do Fado» adesões de novos e valiosos elementos, que vão dar a êsse festival um precioso e inesquecivel auxilio. O estimado actor Alfredo de Sousa, recitará versos de João Linhares Barbosa. Bento Mantua, o consagrado dramaturgo, autor da peça «O Fado» não só autorizou a representação da sua peça, como ainda se ofereceu a prestar á «Festa do Fado» todo o seu auxilio.*

BENTO MANTUA

*João Maria dos Anjos, o querido e popular cultivador da «Canção Nacional», que o publico tanto admira, não só pela sua voz, como tambem, pelas obras que canta, da sua autoria, deu a sua adesão á «Festa do Fado».*

*O teatro S. Luz, será pequeno para conter todo o publico amante de espectaculos desta natureza, que está sendo ancios amente esperado pelo publico, que ha de correr em massa á «Festa do Fado».*

## «O homem do papagaio»

*E' ámanhã que, definitivamente, reabre o teatro Politeama para a realização de uma serie de espectaculos sob a direcção do emprezario Antonio de Macedo e Brito, com a primeira representação da farça de Lepina «O homem do papagaio» e estreia, no teatro, como actriz, da ilustre e gentil poetiza Beatriz Delgado, cujo debute está sendo aguardado anciosamente nos meios literarios e artisticos, onde a novel artista ocupa já um logar de grande destaque. Beatriz Delgado, por gentileza da sua colega Ilda Stichini, vai interpretar o principal papel da peça, que em Espanha tem um vem numero de representações, sendo considerada uma das mais engraçadas do vizinho reino.*

## Homenagem a Palmira Bastos

*Realiza-se ámanhã, no teatro S. Luis, a recita de homenagem á ilustre artista Palmira Bastos, que escolheu para a sua recita a primeira representação da peça de costumes parisienses «Montmartre, em que tem um um papel de excepcional destaque. No espectaculo de ámanhã, no S. Luis, tem entrada os bilhetes com a data de 16 do corrente, estando á venda no camaroteiro do teatro.*

## Atrás do reposteiro

Procedentes de Povoa de Varzim, chegaram ontem a Lisboa as gentis bailarinas «Las Morenitas», que andaram ultimamente em «tournée» ouvindo merecidos aplausos, por varias terras do pais.

—Despede-se hoje do publico da Covilhã a Companhia Lucilia Simões Erico Braga, que segue para Vizeu, onde se estreia no dia 17.

—Despede-se ámanhã do publico da Povoa de Varzim a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que trabalha no dia 18 em Vila do Conde, e a 19 e 20 no teatro de Matozinhos.

—No Maria Victoria realisa-se hoje uma recita de gala de homenagem aos aviadores Brito Pais, Sarmento Beires e Manuel Gouveia. Amanhã tem logar outra recita no Salão Foz, oferecida aos mesmos aviadores.

—Regressou hoje a Lisboa a Companhia Dramatica, sob a direcção do actor Rafael Marques, vinda do Aguia de Ouro, do Porto.

—Terminam hoje, no S. Luiz, as representações da peça historica «Maria Antonieta», que fez um explendido sucesso.

—Nos primeiros dias do proximo mez iniciam se no Nacional os trabalhos preliminares da futura temporada oficial, com os ensaios da peça «O Regente», de Marcelino Mesquita.

**TEATRO SÃO LUIZ**

Tel. C. 224 HOJE, ás 9,15 da noite, pontuais

Definitivamente — Ultimas representações da celebre e emocionante peça historica

**MARIA ANTONIETA**

Notabilissima creação de PALMIRA BASTOS na protagonista. Carlos de Oliveira no Luiz XVI

Quarta-feira, 17—Recita de PALMIRA BASTOS — A peça **MONTMARTRE**

**Teatro MARIA VICTORIA**

HOJE — ás 8,45 e 10,45 — HOJE

Dois grandiosos espectaculos de gala — Homenagem aos heroicos aviadores Brito Pais, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia que esta noite honram o teatro com a sua presença

A revista de extraordinario exito

**RES-VÉS**

com o seu quadro novo «A RAPIOCA»

**O comboio n.º 6**

HOJE no

**Teatro APOLO**

**Teatro Politeama**

Empresa Luis Pereira HOJE — Ás 20,30

TEMPORADA CINEMATOGRAFICA

6.º, 7.º e ultimo episodios da grande fita de aventuras, notabilissimo sucesso A HERDEIRA DO RAJAH

LAGRIMAS DE CAVALO, 2 partes, pelo cavalo QUENNIE e outros «films» comicos

# Senhores Coloniaes
# Senhores Lavradores

**A maior novidade de 1924 é o «Motocultor BAUCHE!»**

**Que tanto serve como motor para industrias campesinas como para os serviços de lavoura**

**Produz em cada dia, tanto trabalho como 30 brancos e mais do que 50 pretos**

Aceitamos um grande

**T. S. F.**

APARELHOS E ACESSORIOS

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

DR. ARMANDO NARCISO
Medico do Hospital de Santa Marta
RETOMOU A CLINICA
Consultorio:
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)
Residencia:
Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

# ESTRANGEIRO

GRANDE-RESTAURANT
«SOLAR DA ALEGRIA»
PRAÇA DA ALEGRIA, 56
A moços a 10$00
Jantares a 14$00
SERVIÇO PERMANENTE Á CARTA

## DA ITALIA

# A morte

## de Casalini

## e as pessoas

## que foram

## ao seu funeral

ROMA, 16

Realisou-se o funeral do deputado Casalini com toda a solenidade.

O feretro era seguido pela familia e por grandioso cortejo, assistido do presidente Mussolini, do presidente da Camara e do Senado, de deputados e senadores.

Numerosas representações provinciais do fascismo assistiram ao acto.

Junto do cemiterio os fascistas saudaram o feretro com o rito fascista, sendo o cadaver enterrado entre grande comoção, mas sem incidentes.

Foram presos dois cumplices no assassinio. —(L)

### As represalias

por parte dos «fascistas»

ROMA, 16

**Varios elementos fascistas tentaram depois do enterro do deputado Casalini assaltar os jornais da oposição, o que lhes foi impossivel em virtude da protecção da força publica.**

**Em Perugia e noutras cidades da Italia foram assaltadas as lojas maçonicas.—(L.)**

### 30.000 fascistas

tomaram parte no funeral

ROMA, 16

**30.000 fascistas tomaram parte no funeral de Casalini, acompanhando tambem o feretro todos os membros do ministerio com o sr. Mussolini á frente.—(R.)**

## O RIFF

# A Espanha

## não está disposta

## a abandonar Marrocos

## segundo Primo de Rivera

**MADRID, 16.—Primo de Rivera publicou um manifesto anunciando que apesar da situação militar dificil a Espanha não abandonará Marrocos, onde tem a seu cargo uma missão internacional civilisadora. —(L.)**

### As tropas espanholas

**têm obtido grandes exitos**

MADRID, 16.—O comunicado oficial de Marrocos diz que na zona oriental houve tranquilidade durante estes ultimos dias, e que na zona ocidental as forças de Mehalla realizaram uma batida no sector de Ceuta, capturando grande numero de rebeldes aos quais foi apreendido muito armamento.

No sector de Gomara, as tropas espanholas retiraram em boa ordem, tendo sido evacuadas todas as posições de Siguisa.

No sector de Xauen foi organizada uma forte coluna para acompanhar o comboio á posição de Kalaque, tendo as tropas espanholas depois de um brilhante assalto á baioneta conseguido entrar na posição e municiar a guarnição.—(R)

### Os mineiros ingleses

**estão fornecendo dinheiro a Abd-el-Krim**

**LONDRES, 16.—O «Evening Standard» anuncia que uma sociedade mineira inglesa adiantou a Abd-el-Krim, por uma consessão de minas, a quantia de 300.000 libras, as quais agora são empregadas para fins de guerra contra os espanhoes.—(L.)**

## DA RUSSIA

# O plano

## da revolta

## da Georgia

## foi traçado

## por Enver Pachá

TREBIZONDA, 16

Os revolucionarios sofreram alguns revezes na Georgia, mas fizeram importantes progressos em Azerbadjian.

As forças revolucionarias da Georgia que tinham avançado até trinta milhas de Batum, foram rechaçadas e obrigadas a retirar para o interior, pelas colunas bolchevistas enviadas daquela cidade.

Os bolchevistas lançaram fogo a varias aldeias, executando sumariamente milhares de individuos suspeitos de auxiliarem os rebeldes. Os bolchevistas apoderaram-se tambem da cidade de Koutais, onde os rebeldes tinham estabelecido um governo provisorio, na semana passada, executando o Bispo Nazari, que se encontrava doente.

Na região de Baku e Azerbadjian, os rebeldes são apoiados pelos camponeses, tendo repelido as tropas do exercito vermelho para os muros de Baku.

Em Azerbadjian, onde a população é mussulmana na sua maioria, os rebeldes são comandados por oficiais turcos, tendo tambem recebido munições da Turquia. Diz se mesmo que o plano da rebelião foi preparado por Enver-Pachá, com a assistencia de Riza Bey, ex-capitão do exercito turco, que ha alguns anos estabeleceu o plano para criar o imperio turco na Asia, e evitar a propaganda do bolchevismo entre os islamitas.

Riza Bey é o generalissimo da revolta, secundado por numerosos oficiais turcos. —(R.)

### Alastram

as revoltas anti-bolchevistas

**PARIS, 16.**

**A legação da Georgia anuncia que alastram as insurreições anti-bolchevistas no Caucaso e confirmou a noticia da destruição do caminho de ferro de Karaklis.—(L.).**

## DA AMERICA

# A Princeza Radziwill

## morreu numa queda de 3000 pés de altura

NEW-YORK, 16

Dizem de Cliff, no Monte Kheo, no Maine, que a princesa Radziwill, viuva do principe Ladislau, encontrou morte instantanea numa ascenção áquele monte.

Tendo perdido um anel, baixou-se para o procurar, mas, escorregando, despenhou-se duma altura superior a 3.000 pés.

A princesa, que tinha 26 anos de idade, era filha do dr. Elmer Simpson, de Chicago. O seu casamento com o principe Radziwill estava fixado para Janeiro de 1923, quando recebeu a noticia de que o noivo se encontrava gravemente enfermo em Londres. Partindo para Inglaterra immediatamente, casou com o principe «in articulo mortis», tendo ficado viuva poucas horas depois do casamento.—(R.)

## DE GENEBRA

# A Liga das Nações

## e a questão da arbitragem

GENEBRA, 16

As delegações franceza e inglesa chegaram a acordo, resolvendo submeter á aprovação da Assembleia uma proposta definitiva sobre a organisação do sistema de arbitragem para os varios conflitos juridicos que porventura possam surgir entre duas potencias.

A proposta aceita a definição de agressor apresentada pelo sr. Macdonald, que considera como tal o Estado que se recusar a submeter-se á arbitragem ou a cumprir a sentença dada pelo tribunal arbitral, e, ao mesmo tempo, da satisfação á tese francesa sobre a segurança, e o pacto de mutua assistencia.

A proposta estipula ainda que a futura conferencia de desarmamento deverá adoptar a organisação arbitral e as garantias estabelecidas pela Assembleia da Liga das Nações.—(R.)

DENTADURAS VELHAS
compram se desde 5$000 reis cada um dente, na Curivesaria Mergulhão, rua de S. Paulo, 162.

MOBILIAS
a prestações e a pronto
AVISO
A TODOS que queiram comprar mobilias, visitem só os armazens da Rua Martens Ferrão, 20, Avenida Fontes Pereira de Melo, 7, se querem ser bem servidos, com plena confiança e economia de tempo, porque encontram todas as facilidades e os melhores : : : preços do mercado : : :

Manteiga fina da Madeira
das marcas
Burnay, Aguia, Conceição e Aurea
As unicas marcas de manteiga garantidas pela sua pureza e pelo seu esmerado fabrico de absoluta honestidade de processos. A' venda na
"FUNCHALIA"
VIEIRA E LOPES L.DA
Largo do Calhariz, 5 e 6 — Tel. C. 1242
e na CASA «MANTEIGA BURNAY»
Rua dos Fanqueiros, 346-348
DESCONTOS AOS REVENDEDORES

Não se paga Luxo
com Bons Brilhantes em 2.ª mão
Ouro e prata a peso
Preços limitadissimos, não se receando o confronto de preços com os de outras casas congéneres.
David C. Costa
RUA DA PALMA, 18

A Ameaça Silenciosa
?
CINEMA CONDES
?
3.º episodio
?
4.º episodio
?
HOJE — ESTREIA — HOJE

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

PEBECO
Antiga pasta dentifrica alemã. Unica preferida em todo o mundo. Fabricação de P. BEIERDORF & C.º — HAMBURGO.
Preço de bisnaga, tamanho vulgar . . . . . 3$50
Preço de bisnaga maior . 7$00
A' venda na R. do Ouro, 102; R. da Palma, 7; Rocio, 8; R. Garrett, 64; R. D. Pedro V, 75; e em todos os bons estabelecimentos.
Descontos aos revendedores.
Unicos representantes e depositarios em Portugal
Coutinho Ribeiro & Vaz, Ltd.ª
Rua do Norte, 83, 3.º — Lisboa

## Thomas Reynolds

## FALECEU

## Confortado com todos os Sacramentos da Igreja

Mariana Reynolds Coutinho de Castro e seu marido Francisco José F. Coutinho de Castro, Maria da Graça Reynolds dos Anjos, seu marido Alfredo H. dos Anjos e filhas, Henrique Manuel Reynolds, Luis F. Reynolds, Ricardo Eduardo Reynolds e sua mulher Maria Lopes d'Almeida Reynolds, Thereza S. Reynolds, José H. Reynolds, Carlos A. Reynolds, Roberto Reynolds mulher e filhos, Fructuosa Reynolds de Sousa e filhos, Maria da Graça Reynolds Graça Zagalo, marido e filhos, Rafael Reynolds, mulher e filhos, Guilherme Reynolds e filhos, Adelaide Ferreira Cupertino Ribeiro, Maria Ferreira Braga e filhos, participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença seu muito querido Oai, Sogro, Avô, Irmão, Cunhado e Tio e que o seu funeral terá lugar ámanhã, 17, pelas 3 horas da tarde, saindo o prestito funebre da sua residencia, na rua Barbosa du Bocage, J. M. S, 3.º, para o Cemiterio dos Prazeres.

**CAMBIO OFICIAL**

| | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| Londres, cheque | 141$00 | 141$50 |
| Paris | 1$67 | 1$68 |
| Madrid | 4$17 | 4$20 |
| Praga | 94.5 | 95,5 |
| Amsterdam | 12$09 | 12$17 |
| New-York | 31$45 | 31$75 |

# ULTIMAS NOTICIAS

**CAMBIO OFICIAL**

| | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| Suiça | 5$93 | 5$98 |
| Bruxelas | 1$56 | 1$58 |
| Libra esterlina | 160$00 | 165$00 |
| Agio do ouro | — | — |
| Rio Londres | — | — |
| Roma | — | — |

### A VIAGEM LISBOA-MACAU

# O Te-Deum de hoje na Sé

## em acção de graças pelo triunfo dos aviadores

Como estava anunciado, realizou-se hoje na Sé o «Te Deum» solene promovido pelo sr. Cardeal Patriarca em acção de graças pelo triunfo do glorioso empreendimento levado a efeito pelos aviadores srs. Brito Pais, Sarmento Beires e Manuel Gouveia.

O grandioso templo oferecia o aspecto dos grandes dias, cheio de povo quasi até á porta.

Na capela-mor, do lado do Evangelho, logo junto da teia, encontravam-se os aviadores Brito Pais e Manuel Gouveia, acompanhados do oficial aviador Cifka Duarte.

Fóra da capela-mor, encontravam-se muitos aviadores do nosso exercito, alguns parocos das freguezias de Lisboa, representantes de Irmandades e Ordens Terceiras, crianças de alguns colegios catolicos, e representantes de agremiações, com seus estandartes.

Se pela reduzida assistencia oficial e representativa a solenidade religiosa não obteve grande imponencia, pela concorrencia de povo, ela foi revestida de uma impressionante grandeza, a que a atenção com que foi ouvido o discurso do reverendo Agostinho da Mota e o fervor com que foi acompanhado o «Te-Deum» em prestaram um belo significado religioso e patriotico.

O reverendo Agostinho da Mota, com sua palavra sugestiva e vibrante, fez a saudação aos aviadores, dirigindo-a mais alto, á propria Patria, de que eles são representantes dos mais dignos. Uma lição ha a tirar deste heroico feito: a de que á sombra da Cruz de Cristo as virtudes da Raça se mantêm sempre em perfeita beleza, e sem ser ao lado da Cruz nada de grande se póde conseguir no mundo.

Foram essas virtudes que tornaram possivel o «raid» Lisboa-Macau, virtudes que pela Fé, nunca extinta, pela lealdade nunca desmentida, pelo Amor, pela dedicação, pelo espirito de sacrificio, iam na alma dos bravos aviadores, á conquista de novas glorias para a Patria e de novos triunfos para a Cruz de Cristo, inspiradora de todas as petições.

O discurso do ilustre sacerdote foi ouvido com invulgar interesse, ajoelhando toda a assistencia quando o reverendo Agostinho da Mota ergueu a sua oração de graças a Deus.

O «Te Deum» foi presidido pelo Vigario Geral, representante do sr. Cardeal Patriarca, sr. dr. Manuel Anaquim, tendo sido cantado a grande instrumental pela musica da capela da Sé, sob a regencia do maestro Costa Pereira.

O aviador sr. Sarmento Beires, que se encontra no Porto, retido por doença de sua esposa, não poude assistir á cerimonia.

# O pedido de demissão

## do vereador Raul Caldeira

*(Continuação da 5.ª paginã)*

**Director do jornal para a injustiça da sua noticia e para o logro, que tanto procurava ferir a minha dignidade como a boa fé do periodico!**

**Positivamente, v. ex.as foram duma ind ferença tão notavel que nem mesmo as suas altas preocupações de edis afanados justificam.**

**Rogo, portanto, ex.mo sr. Presidente da Comissão Executiva, se digne fazer chegar ao conhecimento de s. ex.a o Presidente da Camara que, nesta data, deponho nas mãos de v. ex.a o pelouro que tive a honra de dirigir como membro da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa.**

**De v. ex.a mt. at. e v.or, o vereador = *Raul Caldeira.***

## NA RUA DA INVEJA

# Um homem assassinado com numerosas facadas em condições repugnantes

O assassinio que vamos relatar, praticado em barbaras e hediondas circunstancias, é, em tudo, identico ao do capitão Vaquinhas. Não podemos nem devemos entrar em pormenores revoltantes. Damos apenas a noticia. O resto pertence á policia e aos medicos que estudam as aberrações humanas.

### A biografia da vitima

Na rua da Inveja, 51, 4.º, direito, vivia, ha anos, o enfermeiro sub-chefe do hospital do Rego, João José Barbosa. Homem dos seus quarenta e tantos anos, solteiro; andava sem-tas vezes companhias suspeitas, vendo-se muisi sempre á tarde, na «Brasileira» do Rossio. Era natural de Paredes de Coura, sitio da In-

*A victima*

festa, tendo duas irmãs, uma casada, que se chama Rosa Tereza Barbosa, que vive na mesma rua, 28, 3.º, esquerdo, mesmo em frente do predio onde se deu o crime, e outra de nome Alzira Barbosa, que tratava da roupa da vitima.

O João José Barbosa — tinha alguma coisa de seu. Ha tempos, um doente dera-lhe cinco contos. Tinha bastantes joias, aneis de ouro com brilhantes, corrente tambem de ouro, bolsa de prata — e diz-se que um peculio razoavel. O João José Barbosa fôra ha anos assaltado pelos gatunos na escada do predio onde vivia, tendo sido nessa ocasião barbaramente esfaqueado. O mobil do atentado foi o roubo. Quem seriam os seus autores? Ha quem suspeite que alguns dos numerosos amigos que o acompanhavam constantemente explorando-lhe as suas fraquezas.

### Um crime monstruoso

Desde sexta-feira que Joaquim Antunes Sereno, cunhado do Barbosa e que mora em frente do predio onde se desenrolou o crime, não o vendo aparecer — telefonou para o hospital do Rego. Ai informaram-no que ele não tinha aparecido.

Esta manhã, tirando-se dos seus cuidados, o Antunes Sereno, que é bombeiro, subiu ao quarto andar da rua da Inveja e bateu á porta. Ninguem lhe respondeu. Insistiu.

A porta da rua conservou-se fechada. As suas suspeitas aumentaram. Então, pedindo licença á familia que mora ao lado, abriu a janela que deita para a rua, e, com risco da propria vida, foi-se deslocando atravez da varanda de ferro, saltando depois para dentro de casa. Um cheiro horrivel sufocou-lhe a garganta. Corajosamente abriu de par em par as portas de madeira.

O que o Joaquim Sereno viu, viu tambem, pouco depois, o *reporter* do *Diario de Lisboa*, que foi a primeira pessoa dos jornais a chegar ao local do crime, mesmo antes do sub-delegado de saude.

O quarto de cama do Barbosa está sobre a rua, assim como um outro que fica ao lado e deita para a escada. Neste vê-se uma secretaria com alguns livros; algumas fotografias de vultos republicanos e umas bugigangas sem importancia. O primeiro quarto liga com outro interior, onde vimos uma cama acanhada, com a roupa direita, Pegando com este uma pequena casa de jantar; depois uma cosinha, cuja janela deita para um saguão. Ha ainda outro quarto confuso de malas e caixotes, e uma cama, mas esta por fazer.

E' um pequeno compartimento. Ao centro, uma cama de mogno antiga com duas almofadas.

A vitima foi esfaqueada na cama. O criminoso vibrou-lhe as facadas de baixo para cima. Não se sabe ainda quantas foram. Algumas delas atingiram-lhe o rosto; outra o peito; uma o braço esquerdo. O Barbosa quando foi assassinado estava completamente nú. No chão vêem-se muitos objectos de vestuario: uns pares de sapatos, em bom estado, e umas botas negras bastante usadas.

Serão do assassino? Uma camisa foi parar debaixo da comoda.

### Quem é o criminoso?

O crime foi praticado de quinta para sexta-feira — de noite. O Barbosa teria entrado com um dos seus amigos ai pela meia noite. Dirigiu-se ao quarto de cama. Depois, só o criminoso pode contar o que se passou.

Como já dissémos, a vitima foi assassinada barbaramente na cama, e colocada no chão, juntamente com os cobertores, á porta do quarto. O cadaver conserva ainda a sua estranha posição, membros enrodilhados, cabeça descaída.

Quando o sub-delegado de saude o levantou estava completamente desfigurado pela putrefação. O rosto era uma sordida mancha negra, viscosa, de sangue coagulado, muito sangue no soalho, e ainda sobre o dorso da vitima. Algumas partes do corpo estão já completamente apodrecidas.

O criminoso, logo que praticou o crime foi lavar as mãos na bacia dum pequeno «toilette», devendo ter saltado sobre o cadaver. Ainda ali se encontra a agua tinta de sangue.

Cumprida a sua lugubre e hedionda tarefa, roubou tudo quanto poude. Do casaco da vitima, que se encontrava aos pés da cama, tirou-lhe a carteira. A' pressa, meteu os bilhetes de identidade do Barbosa num dos bolsos de fóra.

Nessa ocasião devia ter guardado os objectos de ouro. Em seguida, abriu as gavetas da comoda, revolvendo a roupa rapidamente, e a porta do aparador, que se encontra na casa de jantar. A visinhança não deu por nada.

Uma mulher que habita ao lado ouviu, no entanto, sexta-feira pela manhã alguem descer a escada com toda a precaução. Os passos vinham do andar em frente.

O cadaver, que esteve cinco dias por descobrir, foi esta tarde removido para a Morgue.

A policia começou já as suas investigações, ligando grande importancia ás botas pretas que foram encontradas no local do crime.

### Ordem publica

Por suspeita de ter tomado parte na ultima tentativa revolucionaria, foi preso o conhecido elemento radical sr. Luis Cesar de Lemos.

### Capitão Menezes Ferreira

Está em festa o lar do nosso querido amigo e brilhante colaborador sr. capitão Menezes Ferreira, pelo nascimento duma criança do sexo masculino.

Tanto a mãe, a sr.ª D. Eugenia de Menezes Ferreira, como o filho, encontram-se bem.

### OS NOSSOS DIPLOMATAS

# A atitude de Duarte Leite

## durante os dias da revolta de São Paulo

Recebemos hoje a seguinte carta do sr. Carvalho Neves, distintoadido comercial no Brasil:

«*Sr. director* — As informações que acolheu no seu distinto *Diario de Lisboa*, sobre a atitude do Embaixador Duarte Leite durante os tristes acontecimentos de S. Paulo, são tendenciosas e, algumas delas, sem fundamento. Como adido á nossa embaixada no Brasil, estou ao corrente do que se passou. Permitirá os seguintes esclarecimentos:

O nosso Embaixador nunca tomou iniciativa alguma, nem decerto a tomaria, pela razão simples de os interesses italianos serem maiores que os nossos, em S. Paulo, e ser á Italia, e não a nós, que cumpria ir á frente de qualquer *démarche* necessaria á defesa desses interesses. Foram os embaixadores da Italia, da Inglaterra e da França que solicitaram ao de Portugal o desempenho da missão de decano, por ser ele o mais antigo a seguir ao decano oficial — que é o Nuncio da Santa Sé o qual apresentou escusa, alegando não ter interesses materiais a defender. O nosso Embaixador não podia, portanto, decentemente, negar-se.

A' reunião da Embaixada, não estiveram presentes vinte e cinco embaixadores e ministros, mas apenas treze ou quatorze, quasi todos europeus.

A neutralidade dos sul-americanos explica-se não só pela solidariedade continental como pela carencia de interesses a defender.

O seu informador procura pôr em destaque a atitude dos representantes da Argentina e Uruguay. E' preciso dizer que em S. Paulo não ha talvez duas duzias de individuos dessas nacionalidades.

Não é exacto que o representante dos E. U. da America não tivesse assinado a nota colectiva. O certo é que ele retirou depois, por carta, a sua asinatura. Mas o documento em que esta figura está arquivado na nossa Embaixada.

Não é exacto que a reunião na nossa Embaixada tivesse o objectivo de exercer qualquer «pressão ou coacção» sobre o Governo Brasileiro. Isto representaria um tal dislate, que só com grande esforço de má vontade póde ser acreditado. A reunião teve o fim unico de solicitar ao Governo Brasileiro facilidades para os diplomatas se poderem corresponder com os seus consules, e pedir que lhes fosse dado aviso previo, no caso de ter de ser bombardeada a cidade de S. Paulo. A possibilidade de poderem ser os revolucionarios reconhecidos beligerantes, nunca foi objecto de qualquer reunião nem creio que tenha sido abordada. Nunca ouvi falar em tal.

Posso garantir que só pela lealdade devida aos seus colegas e pelo seu dever de decano forçado, o nosso Embaixador foi portador da nota colectiva. Mas sei que ele estimou ter encontrado, de antemão, por parte do ilustre ministro do Exterior do Brasil, reluctancia em a receber e nunca lha apresentou.

Todos os signatarios aprovaram a *démarche* do nosso Embaixador, e resolveram fazer, cada um de per si, ao Governo Brasileiro, as comunicações que entendessem. Depois, alguns deles assim o fizeram; — *mas neste numero não se contou o Embaixador de Portugal, que bem demonstra quanto são diferentes os sentimentos ou a conduta que se pretende atribuir lhe.* Resta dizer que o nosso governo aprovou a acção do Embaixador. Eis os factos.»

**Perfumaria Elite** :: PRODUCTOS DE BELEZA :: ARTIGOS DE NOVIDADE :: :: Largo do Calhariz, 18 ——— Telefone C. 1148